

VINICIUS LUMMERTZ

Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.

Brasil, país majoritariamente não livre

O Índice de Liberdade Econômica de 2026, da Heritage Foundation, coloca o Brasil na 134ª posição entre 184 economias. Nas Américas, estamos em 28º lugar entre 32 países. A nota é 52,4 em cem. A classificação é direta: “majoritariamente não livre”.

O contraste é desconcertante. O Brasil é a décima maior economia do mundo pelo PIB nominal. É a oitava pela paridade do poder de compra. Em 2025, recebeu US\$ 77 bilhões em investimento estrangeiro direto. Foi o quinto principal destino mundial desses recursos, segundo a UNCTAD. Conta com o quinto maior superávit comercial do planeta.

Tudo isso com pouca liberdade econômica. Imagine o que o Brasil poderia ser com menos barreiras.

Não se trata de sonhar com outro país. A maior parte de nossas limitações é made in Brazil. Burocracia, insegurança jurídica, impostos elevados, crédito caro e desequilíbrio fiscal não são acidentes geográficos. São escolhas institucionais. Formam aquilo que chamamos de custo Brasil e que já faz parte da paisagem.

A falta de liberdade aparece nos custos

de transação. São os recursos gastos para interpretar normas, obter licenças, cumprir exigências, proteger contratos e resolver conflitos. Tornam-se destrutivos quando as regras se sobrepõem e a imprevisibilidade comanda as decisões.

Nesse ambiente, empresas e cidadãos gastam apenas para conseguir trabalhar. Esses recursos não compram máquinas. Não criam tecnologia. Não melhoram produtos. Consomem tempo, capital e energia para vencer obstáculos.

É uma espécie de “PIB ruim”. A expressão é uma metáfora, mas descreve um problema real. Litígios, despesas defensivas e estruturas de conformidade movimentam dinheiro. Entram na atividade econômica. Mas não ampliam necessariamente a capacidade produtiva. O resultado é menor produtividade, preços mais altos, menos investimento e salários menores.

O brasileiro conhece essa conta. Paga impostos elevados e recebe serviços públicos insuficientes. Depois paga novamente por saúde, educação e segurança. O empreendedor mantém equipes não para inovar e vender,

mas para interpretar regras. O trabalhador encontra menos empresas, oportunidades e crescimento da renda. Tudo isso é PIB ruim! Entra na conta, mas empobrece a nação.

O problema também é macroeconômico. Segundo o IBGE, a taxa de investimento foi de 16,1% do PIB no segundo trimestre de 2026. Um ano antes, era de 16,6%. Quando a capacidade produtiva cresce pouco e a demanda acelera, a oferta não acompanha. Surgem gargalos. A inflação pressiona. Os juros sobem. O crescimento perde força. Da série “vale a pena ver de novo”?

Um ambiente previsível muda essa dinâmica. Contratos seguros e regras compreensíveis reduzem riscos. Liberam recursos para infraestrutura, máquinas, tecnologia e inovação. A oferta cresce. A economia pode avançar por mais tempo.

O Brasil fez reformas importantes em diferentes governos. Conquistou a estabilidade monetária. Modernizou relações de trabalho. Reformou a Previdência. Aprovou a autonomia do Banco Central e novos marcos regulatórios. Avançou por etapas, mas não concluiu a travessia.

O Simples e o MEI abriram portas para a formalização. Mas continuam sendo regimes especiais dentro de um sistema hostil às empresas que crescem. Criamos saídas laterais sem reformar o edifício.

A reforma tributária do consumo poderá

reduzir a cumulatividade e organizar a cobrança por meio da CBS e do IBS. Também poderá atenuar aspectos da regressividade. Mas o resultado dependerá das alíquotas, das exceções, da transição e da redução das obrigações acessórias. Simplificar é necessário. Reduzir o custo de produzir é indispensável.

Falta ao Brasil um programa abrangente e duradouro para reduzir custos de transação e elevar a produtividade. Isso não significa eliminar regulação. Significa ter regras proporcionais, estáveis e avaliadas pelos resultados. O debate público precisa lidar com indicadores concretos: abertura de empresas, duração de processos, custo tributário, investimento e produtividade.

Existe, ainda, uma dimensão ética. Privilégios transferem custos para a sociedade. Omissões administrativas perpetuam barreiras. Seus efeitos aparecem nas empresas que não nascem, nos empregos que não são criados e nos projetos que não se realizam. Escolhas institucionais têm consequências humanas.

Se o Brasil já está entre as maiores economias do mundo e entre os principais destinos do investimento direto com tantas amarras, até onde poderia chegar sem elas? Não é um sonho abstrato. É uma hipótese mensurável. O potencial existe. A questão é quanto dele continuaremos desperdiçando e quanto conseguiremos transformar em investimento, produtividade e renda.

LEONARDO CHUCRUTE

Gestor em Educação, mentor de empresários, palestrante, CEO do Zerohum e autor de livros didáticos

Negócios sem presença digital perdem relevância e oportunidades

As redes sociais e a presença digital passaram a ocupar papel estratégico no crescimento das empresas. Negócios que não estão presentes na internet ou mantêm canais digitais abandonados ou com poucas publicações reduzem a visibilidade, perdem relevância e deixam de aproveitar oportunidades de expansão.

Muitos empresários ainda associam crescimento exclusivamente às vendas, expansão comercial ou aumento de faturamento. No entanto, negócios sustentáveis não crescem apenas a partir

de números. Crescimento consistente é consequência de construção diária, experiência de marca e capacidade de gerar conexão com o público.

A presença digital deixou de ser opcional. Redes sociais, canais online e plataformas digitais passaram a funcionar como extensão direta da experiência oferecida ao cliente. Hoje, a percepção sobre uma marca não é construída apenas dentro do ponto de venda ou no atendimento presencial, mas também nas interações digitais.

Comentários, avaliações, compartilha-

mentos e conteúdos publicados influenciam diretamente a reputação das empresas. O tradicional boca-a-boca migrou para o ambiente digital e ganhou escala.

Essa transformação mudou a lógica de crescimento. Empresas que mantêm canais digitais abandonados, ou sequer estão presentes nas redes sociais, deixam de ocupar espaços relevantes de relacionamento, perdem visibilidade e reduzem suas chances de aquisição de novos clientes.

Além da exposição, o ambiente digital fortalece a lembrança de marca e mantém negócios acessíveis ao público. A construção de autoridade passa por comunicação consistente, clareza na proposta de valor e relacionamento contínuo.

Mais do que publicar com frequência, a presença digital exige estratégia, posicionamento e coerência entre discurso e expe-

riência entregue. Quando atendimento, comunicação e reputação caminham juntos, aumentam as chances de fidelização, retorno e indicação.

No cenário atual, investir em marketing digital, produção de conteúdo e fortalecimento de canais online tornou-se parte natural da estratégia empresarial. Não se trata apenas de acompanhar tendências, mas de garantir competitividade e relevância em um mercado onde atenção e confiança são ativos decisivos.

Crescimento sustentável não acontece por acaso. Ele é consequência de experiência, adaptação ao comportamento do consumidor e capacidade de construir relacionamento dentro e fora do ambiente digital. Empresas que entendem essa dinâmica fortalecem sua autoridade e ampliam oportunidades de crescimento no longo prazo.

JOSÉ OSORIO

Economista com MBA em Finanças, Administração, Venture Capital, Private Equity e Inovação.

A resiliência e o foco de fundadores e executivos de empresas

Atualmente, muito se fala em resiliência. Mas o que é a resiliência para cada um de nós no mundo dos negócios?

No sentido prático e de dicionário, atualmente, do Claude, a resiliência é a capacidade de uma pessoa, grupo, sistema ou empresa de se recuperar e se adaptar diante de dificuldades, adversidades, crises ou mudanças — sem se desestruturar ou colapsar.

A força da mente tem o poder de manter os seres humanos em geral, os executivos e as empresas de pé, lutando constantemente por suas integridades. São histórias (bem) contadas por anos a fio, que se deparam, diariamente, com novos desafios, novas conjunturas, novas tecnologias e novas culturas que vêm transformando nossa sociedade. Todo esse contexto ambientado, atualmente, pela velocidade absurda das

transformações de cenários local e global.

A cada dia, um Everest a ser transposto, com “cara de paisagem”, e a capacidade de contaminar positivamente toda uma comunidade em seu entorno.

Nosso país, malfeitos à parte, e a inversão de valores, também, deixa pouca esperança ao empresário que procura tratar seu negócio da forma correta, a partir de valores obstinadamente alinhados com a moral, nunca esquecendo que “até a máfia tem ética”...

O Brasil, definitivamente, é o país do “Gerson”! E do Beira-Mar, claro! Não me parece ter solução.

Vale mais aquele que arrecadou volumes maiores, a despeito dos meios como os conquistou. Valem muito menos, mas muito menos mesmo, os que seguem em busca de seus objetivos e sonhos, porém perse-

guindo os caminhos sem tomar atalhos.

Nossa sociedade gosta do vencedor-mau-caráter. Acha-o bacana, genial, e quase o transforma em ídolo quando sai ileso das intimações, dos inquéritos e, muitas vezes, de Bangu. Parece inspirador, o “super-herói” brasileiro que atravessa diversos mandatos presidenciais mantendo exatamente o modus operandi que alicia políticos, ministros e andares mais altos de Brasília.

Contextualizado o significado de Resiliência na República Tupiniquim, tendo o ambiente e os valores de nossa sociedade como pano de fundo, retorno ao aspecto positivo e à força que ela possui, mantendo de pé aqueles que são, de fato, competentes e vencedores-raiz!

Vence quem levanta todos os dias com a disposição de focar em seus objetivos imediatos e prioritários, a partir de otimismo que contagie, de seu talento em pensar de forma positiva, de sua capacidade de virar o jogo e de sua autoconfiança, “sem olhar para o lado”. Trata-se de um desafio e de

um exercício diário para a sobrevivência.

Procurar ser eclético, criativo, obstinado (sempre), paciente e atento, não deixando a técnica de lado, talvez seja a fórmula que mais se assemelhe ao que podemos chamar de Resiliência.

Lembrando sempre que a formação acadêmica e a expressão que melhor resume o constante investimento no aprimoramento profissional ao longo da vida — Lifelong Learning — são a base de qualquer que seja a vontade de resistir com sabedoria.

Quem viveu e teve experiências ricas no mundo empresarial/corporativo de nosso país — da indústria, do varejo como um todo, em banking, consulting, imobiliário, em prestação de serviços em geral etc. — sabe perfeitamente bem que resistir à “montanha-russa” ou ao “trem-fantasma” de nosso dia a dia não é trivial.

E a Resiliência precisa acordar todos os dias bem cedo e estar disposta a resistir e a sobreviver com muita habilidade a mais um dia no parque!